

MESTRADO

PSICOLOGIA DA JUSTIÇA E DA DESVIÂNCIA

Impacto do *Bullying* Escolar nas Adições de Homens Adultos – Um estudo qualitativo exploratório

Isabel Sofia Barbosa Alves Moreira

M

2025



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

IMPACTO DO *BULLYING* ESCOLAR NAS ADIÇÕES DE HOMENS ADULTOS
– UM ESTUDO QUALITATIVO EXPLORATÓRIO

Isabel Sofia Barbosa Alves Moreira

Outubro 2025

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia, área da Justiça e da Desviância, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora ***Margarida Rangel Henriques*** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À professora Margarida Rangel, o meu especial agradecimento por toda a paciência e compreensão. A troca constante de conhecimentos e perspectivas diferentes ajudaram-me a crescer, tanto a nível profissional como também pessoal. Obrigada por acreditar em mim e por me mostrar que quando gostamos do que fazemos, o resultado só pode ser incrível.

Aos participantes do estudo que confiaram em mim para me contarem capítulos da sua vida que sempre tentaram manter escondidos, por estarem sempre disponíveis a colaborar e desenvolver ao máximo todos os assuntos que fomos abordando. Relembrar as feridas do passado exige coragem e eu tive a sorte de conhecer homens adultos pertencentes a um grupo vulnerável e que mesmo assim mostraram a sua voz.

À minha família que mesmo perante todas as adversidades nunca me deixaram baixar os braços, se voei foi graças ao vosso apoio o vosso abraço será sempre o lugar seguro para onde posso voltar.

À minha mãe, mesmo perante todos os médicos, enfermeiros e terceiros disseste que eu iria viver porque eu era uma guerreira hoje agradeço-te por teres lutado contra tudo e todos és a minha luz. Obrigada por toda a paciência, por limpares as minhas lágrimas nos momentos em que estava vulnerável, por me abraçares e dizeres que íamos superar tudo juntas.

Ao meu pai, um exemplo de superação com um sorriso pronto para acolher a filha que tinha medo do mundo, o pai que me mostrou que a vida não precisava de ser sempre levada a sério e que partir um prato de vez em quando era bom. Que os teus olhos continuem para sempre a brilhar quando contas a nossa história.

Ao meu irmão por seres o meu herói, um exemplo e lembrança constante de que faço esta caminhada por ti, és parte de mim. Por garantires que iria voar, que nunca iria desistir e que um dia iria olhar para aquelas discussões e perceber finalmente qual foi o teu papel.

Ao meu namorado porque crescer ao lado de alguém nunca foi tão especial, encerramos juntos um ano de conquistas, de luta, de abraços apertados e desabafos demorados. Por sempre acreditares que todos os meus sonhos são possíveis desde que nunca baixe os braços.

A ti avô, que não podes estar aqui fisicamente a sorrir para mim, mas que sei que em algum lugar estás a aplaudir de pé a neta que te ama e que herdou de ti o tom mais vermelho de pele quando se ri. A estrela mais brilhante é a tua e agradeço-lhe todos os dias por cada vez me fazer acreditar mais que estás aí em cima a cuidar de todos nós.

A todos os amigos que fiz durante esta caminhada maravilhosa de 5 anos, por ouvirem todas as minhas histórias malucas, por me acolherem a todo o momento e por marcarem a minha vida de uma forma tão especial. Cada gargalhada ficará para sempre guardada, que o bom dia nunca seja esquecido e que a internet continue sempre a falhar para aqueles dez camaleões.

A ti, Maria melhor dizendo, madrinha, que me acompanhaste nesta caminhada desde o Zoom, que me permitiste entrar na tua vida e deixar a minha marca. Foste, sem dúvida, a melhor amiga que a praxe me deu: és a família que tive o privilégio de escolher, a minha pessoa e a minha casa. Que sorte a minha ver-te a abanar as fitas, a correr de cartola laranja e aplaudir-te de pé na tua última avaliação académica, podendo dizer a todos o orgulho que sinto da minha madrinha. Que estas sejam apenas algumas das muitas memórias que ainda iremos viver juntas. E, permitindo-me quebrar as regras mais uma vez, obrigada por me mostrares que a praxe valeu a pena, que a faculdade valeu a pena e que, afinal fiz história nestes últimos 5 anos.

Resumo

O *bullying* escolar é um fenômeno bastante persistente e complexo na nossa sociedade, cujas consequências ultrapassam a adolescência, podendo-se estender até à vida adulta. A evidência científica tem revelado uma associação a perturbações emocionais, dificuldades nas relações interpessoais e comportamentos de risco, como por exemplo, os consumos de substâncias psicoativas (SPAs). A presente investigação teve como principal objetivo compreender a perceção que homens adultos têm sobre o impacto do *bullying* nas adições, a perceção sobre o agressor, sobre a vítima e sobre a vítima-agressora.

Optamos por um estudo qualitativo, de carácter exploratório e descritivo, com recurso a entrevistas semiestruturadas realizadas a homens adultos com historial de consumo de substâncias e com vivência de episódios de *bullying* escolar. A análise de dados foi realizada através da análise temática de Braun e Clarke (2006), tornando-se possível identificar padrões significativos emergentes das narrativas.

Os resultados evidenciaram que o *bullying* foi vivido de forma dolorosa e marcante, traduzindo-se em sentimentos de vergonha, isolamento e baixa autoestima. Verificou-se também a coexistência de papéis de vítima e agressor, assim como a utilização precoce de SPAs como um mecanismo de *coping* e procura de aceitação social.

Concluimos que a vivência de *bullying* pode constituir um fator de risco relevante para o desenvolvimento de comportamentos aditivos, no que diz respeito a implicações para a prática o estudo poderá aumentar a busca de literacia pelos próprios jovens sobre o risco acrescido em que se encontram e canalizar o suporte para mecanismos de coping mais ajustáveis

Palavras-chave: *bullying* escolar; substâncias psicoativas; análise temática; estudo qualitativo; homens com problemas de adição

Abstract

School *bullying* is a persistent and complex phenomenon, whose consequences often extend beyond adolescence and can continue into adulthood. Several studies have highlighted its association with emotional disturbances, difficulties in interpersonal relationships, and engagement in risk behaviors, such as the use of psychoactive substances (PAS). The primary aim of the present study was to explore adult men's perceptions of the impact of *bullying* on addictive behaviors, as well as their views regarding the aggressor, the victim, and the victim-aggressor roles.

A qualitative study with an exploratory and descriptive design was conducted, using semi-structured interviews with adult men who had a history of substance use and experiences of school *bullying*. Data were analyzed following Braun and Clarke's (2006) thematic analysis, which allowed the identification of significant patterns emerging from the participants' narratives.

The findings indicated that *bullying* was experienced as both painful and impactful, leading to feelings of shame, isolation, and low self-esteem. The results also revealed the coexistence of victim and aggressor roles, as well as early engagement with PAS as a coping strategy and a means of seeking social acceptance.

We conclude that the experience of *bullying* may constitute a relevant risk factor for the development of addictive behaviors. Regarding practical implications, the study may enhance young people's pursuit of literacy about the heightened risk to which they are exposed and help channel support toward more adaptive coping mechanisms.

Keywords: school *bullying*; addictions; psychoactive substances; thematic analysis; qualitative study; men with addiction problems

Résumé

Le harcèlement scolaire est un phénomène à la fois persistant et complexe, dont les conséquences dépassent souvent l'adolescence et peuvent se prolonger jusqu'à l'âge adulte. Plusieurs études ont mis en évidence une association avec des troubles émotionnels, des difficultés dans les relations interpersonnelles, ainsi que des comportements à risque, tels que la consommation de substances psychoactives (SPA). L'objectif principal de la présente étude était de comprendre la perception que les hommes adultes ont de l'impact du harcèlement sur les conduites addictives, ainsi que leurs perceptions de l'agresseur, de la victime et du rôle de victime-agresseur.

Nous avons choisi une étude qualitative de nature exploratoire et descriptive, reposant sur des entretiens semi-directifs réalisés auprès d'hommes adultes ayant des antécédents de consommation de substances et ayant vécu des épisodes de harcèlement scolaire. L'analyse des données a été effectuée selon la méthode d'analyse thématique de Braun et Clarke (2006), permettant l'identification de motifs significatifs émergents des récits des participants.

Les résultats ont montré que le harcèlement était vécu de manière douloureuse et marquante, se traduisant par des sentiments de honte, d'isolement et une faible estime de soi. L'étude a également révélé la coexistence des rôles de victime et d'agresseur, ainsi que l'usage précoce de SPA comme stratégie de coping et moyen de recherche d'acceptation sociale.

Nous concluons que l'expérience de harcèlement scolaire peut constituer un facteur de risque pertinent pour le développement de comportements addictifs. En ce qui concerne les implications pratiques, cette étude pourrait favoriser l'acquisition de connaissances par les jeunes eux-mêmes sur le risque accru auquel ils sont exposés et orienter le soutien vers des mécanismes de coping plus adaptés.

Mots-clés : harcèlement scolaire ; conduites addictives ; substances psychoactives ; analyse thématique ; étude qualitative ; hommes ayant des problèmes d'addiction

Índice

Introdução.....	1
1. <i>Bullying</i> em Contexto Escolar	1
2. Impacto do <i>Bullying</i> Escolar na Saúde Mental	3
3. Fatores de Risco e Protetores no Contexto do <i>bullying</i>	6
4. Modelos Teóricos e Perspectivas do Impacto do <i>Bullying</i> Escolar	7
Método.....	9
1. Objetivos da Investigação e desenho do estudo	9
2. Participantes	11
3. Instrumento	13
4. Procedimentos de recolha e análise de dados.....	14
Resultados.....	15
1. Experiência da Vítima com o <i>Bullying</i>	15
2. Impacto Emocional das Experiências de <i>Bullying</i>	18
3. Relação entre <i>Bullying</i> e as Adições	20
Discussão.....	22
Conclusão.....	25
Referências bibliográficas.....	27
Anexos.....	34
Anexo 1 - Guião da Entrevista	34
Anexo 2 - Consentimento Informado	37

Introdução

1. *Bullying* em Contexto Escolar

O *bullying* surge sempre com o objetivo de ferir e magoar a vítima, sendo que o mesmo pode ocorrer principalmente de três formas: agressões físicas diretas; agressões verbais diretas; e agressões indiretas (Pereira, 2002; Smith et al., 2008; Craig et al., 2009; Puhl & King, 2013). Contudo, a evidência científica mostra que existe uma diferença entre agressão e *bullying*. Para se considerar *bullying*, existem características específicas que devem estar presentes: intenção do autor em ferir o alvo, repetição da agressão, presença de público que assiste a tudo na posição de espectador, e concordância do alvo em relação à ofensa (Olweus, 2013). O desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima pode manifestar-se de forma física, social ou psicológica, colocando em causa a capacidade da vítima se conseguir defender (UNESCO, 2019).

Quando falamos de agressões físicas diretas, estamos a falar de ataques abertos, em que a vítima pode ser atacada por uma ou mais pessoas, como murros, chapadas, pontapés. A agressão verbal direta envolve insultos em público, provocações, ameaças, incentivos ao suicídio ou comentários racistas. (Limber et al., 2014)

A agressão indireta foca-se na exclusão social dentro do grupo de convivência, como a formação de grupos em que ninguém quer ficar com determinada pessoa, evitando a interação e fazendo sentir que a presença dela não é desejada (Bjorkqvist, Österman, & Kaukiainen, 1992; Pereira, 2002; McGrath, 2007; Antunes, Pereira, & Silva, 2008; Puhl & King, 2013).

Relativamente às esferas constituintes do *bullying*, a investigação científica mostra-nos que existem diferentes papéis: o agressor, a vítima, a vítima-agressora e, por fim, o espectador.

As características das vítimas de *bullying* variam; por norma, são os alunos mais novos, mais isolados, com maior ansiedade social, baixa autoestima e timidez (Cool et al., 2010). Além disso, pessoas com excesso de peso ou problemas de saúde que

dificultam a prática de exercício físico podem também ser mais vulneráveis (Sharp & Thompson, 1992).

Em contrapartida, os agressores tendem a ser jovens com idade superior à vítima, praticantes de exercício físico (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2001; Peguero, 2008; Raimundo & Seixas, 2009) e consumidores de drogas, como tabaco e álcool, o que pode levar as vítimas a ingressarem no mundo das adições como forma de integração no grupo de pares.

Deste modo, existem variados fatores diferenciadores das vítimas e dos agressores, visto que os últimos refletem uma ausência de medo e maior confiança em si próprios (Olweus, 1978; Smith & Sharp, 1994)

Apesar da literatura científica permitir identificar os papéis das vítimas e dos agressores, no contexto escolar nem sempre é fácil verificar quem ocupa cada um deles, dado que existem vítimas-agressoras que, dependendo das situações, assumem ambos os papéis (Santos, 2010). Este grupo concentra indivíduos com maior tendência a comportamentos aditivos, relatos de depressão, ansiedade e piores resultados de ajustamento psicossocial (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2001; Seals & Young, 2003; Carlyle & Steinman, 2007).

O *bullying* escolar é um fenómeno global, que acarreta implicações profundas, quer para a saúde mental, quer para o desenvolvimento socioemocional e a trajetória de vida, tanto das vítimas como das vítimas-agressoras. O *bullying* é uma forma de violência sistemática, que se caracteriza por uma repetição de comportamentos de forma intencional de agressões físicas e verbais, existindo frequentemente um desequilíbrio de poder entre vítima e agressor (Olweus, 2013). Para além disso, o fenómeno *bullying* deve ser sempre compreendido à luz de uma perspetiva sociológica, com fatores individuais, familiares, escolares e sociais que venham a contribuir para a sua manutenção.

A adolescência é um período crítico do desenvolvimento, pautado por mudanças neurobiológicas, cognitivas e emocionais. Durante esta fase, os jovens criam a sua identidade, desenvolvem a sua autonomia e as suas competências sociais. A exposição à vitimização escolar pode muitas vezes comprometer a autoestima, afetar o sentimento de pertença e a capacidade do jovem de regular as suas emoções, afetando assim o seu

percurso de vida e aumentando a sua vulnerabilidade a comportamentos de risco (Luk et al., 2010; Hong et al., 2014).

A nível mundial, segundo a Organização Mundial da Saúde (2023), estima-se que cerca de um em cada três adolescentes tenha vivido algum tipo de vitimização em contexto escolar, estimativas estas que vêm alertar a dimensão e a gravidade desta problemática.

2. Impacto do *Bullying* Escolar na Saúde Mental

O *bullying* escolar tem vindo a ser reconhecido como uma experiência adversa com impactos significativos que ultrapassam frequentemente o período da adolescência e persistem ao longo da vida adulta. Estudos longitudinais demonstram que, indivíduos que foram vítimas de *bullying* durante a infância/adolescência apresentam uma vulnerabilidade maior a transtornos psicológicos, como depressão, ansiedade e baixa autoestima (Arseneault, 2018; Hawker & Boulton, 2000). No entanto, estes efeitos não se manifestam apenas de forma imediata, tendem a prolongar-se, prejudicando assim o desenvolvimento socioemocional, relações interpessoais e escolhas de vida numa fase adulta (Cook et al., 2010).

A exposição constante a estas experiências de vitimização coloca em risco a capacidade de regulação emocional, aumentando a dificuldade do indivíduo de lidar com situações de *stress*, conflitos e frustrações. Vítimas de *bullying* desenvolvem frequentemente estratégias de *coping* desadaptativas, incluindo o evitamento de situações que possam ser classificadas pelo próprio como sendo desconfortáveis (Copeland et al., 2013). Estes mecanismos, ainda que sejam funcionais a curto prazo, prolongam a vulnerabilidade psicológica, tornando ainda mais difícil a tarefa de desenvolvimento de resiliência e ajustamento saudável.

Além dos efeitos individuais mencionados, o *bullying* escolar também exerce uma influência no contexto social do indivíduo. A exclusão social e humilhações constantes comprometem a formação de relações interpessoais seguras, aumentando assim a sensação de isolamento e inadequação social. A investigação científica indica que

estas experiências negativas prejudicam o desempenho, tanto acadêmico como profissional na vida adulta, uma vez que, a vítima tende a apresentar uma baixa confiança em si mesma e medo de rejeição (Arsenault, 2018; Ttofi & Farrington, 2011).

Os efeitos do *bullying* são moldados por fatores contextuais e individuais. Fatores protetores como um pilar familiar, qualidade de relações interpessoais e grupos de pares podem atenuar os efeitos negativos, levando a uma resiliência e recuperação emocional (Ttofi & Farrington, 2011). Quando a vítima está perante ambientes que a negligenciam e onde não existe um suporte, tendem a intensificar o risco de desenvolvimento de problemas de saúde mental.

Alguns estudos científicos recentes também apontam que o *bullying* pode gerar impactos neurobiológicos, que afetam sistemas relacionados com a regulação do *stress* e respostas emocionais. Quando o indivíduo está perante uma vitimização prolongada ativa regiões do cérebro associadas ao medo e à ansiedade, o que contribui para uma maior reatividade ao *stress* e dificulta a criação de relações estáveis e saudáveis na vida adulta (Copeland et al., 2013; Arseneault, 2018)

Além do mais, verifica-se que para muitos dos indivíduos, o *bullying* pode estar muitas vezes associado ao desenvolvimento de comportamentos de risco, como é o caso do consumo de SPAs (Kritsotakis et al., 2017; Radliff et al., 2012).

Estas práticas podem surgir como uma estratégia de *coping* face a experiências adversas como é exemplo o *bullying*, discriminação ou violência entre os pares, sendo a sua principal função a modulação dos estados emocionais negativos, como o *stress*, a ansiedade e o isolamento (Luk et. al., 2010; Hong et. al., 2014; Radliff et al., 2012).

O estudo de Radliff, Wheaton, Robinson e Morris (2012) vem fornecer um contributo relevante para facilitar a compreensão entre o *bullying* escolar e o desenvolvimento de comportamentos de risco, nomeadamente o consumo de SPAs. A investigação teve como principal objetivo examinar a associação entre diferentes papéis no fenómeno do *bullying* e o envolvimento em comportamentos de consumo de álcool, tabaco e outras drogas entre adolescentes.

Os resultados obtidos por Radliff et al. (2012) indicam que tanto as vítimas como os agressores apresentam níveis significativamente superiores de consumo de

substâncias, quando comparados com os jovens que não estejam envolvidos em situações de *bullying*. Contudo, os indivíduos que experienciam simultaneamente a vitimização e a prática de comportamentos de agressão são pressionados como um público mais vulnerável ao envolvimento em múltiplas formas de consumo. Ao que tudo indica, esta dualidade de papéis parece estar associada a níveis mais elevados de sofrimento psicológico, baixa autoestima e dificuldades de regulação emocional, fatores que, segundo os autores, aumentam a propensão para o uso de substâncias como forma de coping.

De acordo com Radliff et al. (2012), o consumo de SPAs pode ser visto como uma tentativa de autorregulação emocional, uma estratégia de alívio de sintomas de ansiedade, solidão e *stress* social. Esta hipótese é consistente com as formulações da General Strain Theory, que sugerem que experiências de frustração e exclusão social conduzem a respostas comportamentais desadaptativas quando não existem mecanismos saudáveis de gestão emocional ou suporte social adequados. Assim sendo, o uso de substâncias surge, não apenas como um comportamento de risco, mas também como um mecanismo compensatório face ao sofrimento psicológico e dificuldade em lidar com experiências de rejeição.

A literatura científica aponta para uma relação bastante complexa entre as experiências de *bullying* escolar e o desenvolvimento de comportamentos aditivos na vida adulta. O *bullying* é conceptualizado como sendo um fator de *stress* crónico, muitas vezes capaz de gerar tensões psicológicas e sociais que podem ser geridas por meio de comportamentos de *coping*, incluindo o consumo de substâncias (Guo, 2021; Luk et al., 2010)

Segundo a General Strain Theory (GST), proposta por Agnew (1992), experiências de frustração e humilhação intensificam a propensão a comportamentos desviantes, pois estes atuam como estratégias compensatórias para fazer com que o indivíduo consiga lidar com as emoções negativas e as adversidades sociais. No contexto do *bullying*, as vítimas recorrem frequentemente a SPAs como uma forma de reduzir a ansiedade e o *stress* que sentem, em algumas situações também podem ser utilizadas como um mecanismo de inclusão social em grupos que utilizam as substâncias (Radliff et al., 2012; Zhu et al., 2025)

Um estudo longitudinal, com objetivo de verificar a relação ao longo do tempo entre o envolvimento em episódios de *bullying* e o uso de substâncias, demonstrou que a exposição precoce ao *bullying* pode aumentar significativamente a probabilidade de início de consumo de substâncias na adolescência, o que pode evoluir para padrões de adição na vida adulta (Filipponi et al., 2020). A amostra era composta por 1495 adolescentes com idade média 12,42 anos, e os dados foram recolhidos ao longo de 3 anos, tendo-se iniciado em 2017 e terminado em 2019. Foram usados questionários de auto-relato para que fosse possível medir tanto o *bullying* como o consumo de SPAs. Desta forma a análise estatística Random Intercept Cross-Lagged Panel Model permitiu distinguir, tanto a diferença entre pessoas, como as variações dentro da pessoa, ao longo do tempo.

Como tal, as evidências qualitativas vêm reforçar a perspectiva teórica, de que adultos que sofreram *bullying* frequentemente relembram a iniciação de comportamentos aditivos como sendo uma resposta direta a um sofrimento emocional, ao isolamento social e exclusão do grupo de pares (Hong et al., 2014; Radliff et al., 2012). Estes relatos indicam que o consumo de substâncias está ligado a uma estratégia de *coping* adaptativo, porém disfuncional, com consequências para a saúde física, mental e social.

3. Fatores de Risco e Protetores no Contexto do *Bullying*

3.1 Fatores Individuais

A vulnerabilidade individual é determinada pela forma como o *bullying* afeta a saúde mental, assim como o risco de comportamentos aditivos, sendo que características como a timidez e ansiedade social refletem esse mesmo risco.

Quando estamos perante traços de personalidade associados à confiança, impulsividade ou necessidade de dominação, denota-se uma correlação com o comportamento agressivo, aumentando assim a probabilidade do indivíduo se tornar agressor ou vítima-agressora (Carvalhosa, Lima & Matos, 2021; Peguero, 2008). Estes perfis têm uma tendência para o desenvolvimento de comportamentos de risco e consumo de substâncias, uma vez que perante indivíduos com baixa autorregulação emocional, há a possibilidade de estes recorrerem a um *coping* disfuncional (Luk et al., 2010).

3.2 Fatores Familiares

O ambiente familiar pode exercer tanto um papel protetor como de risco, quando estamos perante relações familiares disfuncionais, ausência de suporte emocional e conflitos constantes, uma vez que o facto de a vulnerabilidade aumentar pode levar ao desenvolvimentos de comportamentos aditivos (Junger, 1990). Quando a família é coesa e promove uma resiliência emocional, a probabilidade de desenvolver um *coping* desadaptativo diminui. Alguns estudos científicos apontam que o apoio familiar influencia a forma como o indivíduo interpreta e reage às situações de *bullying*, reduzindo assim a internalização dos sentimentos negativos o que gera um fortalecimento das estratégias adaptativas de enfrentamento (Cook et al., 2010)

3.3 Fatores Escolares

O ambiente escolar e a aplicação de políticas preventivas têm um impacto crucial na ocorrência e nas consequências do *bullying*. Quando os estudantes e professores estão perante normas claras, com uma supervisão adequada e com a oferta de programas de prevenção bem estruturados, contribuem de forma significativa para a redução de incidentes (Olweus, 2013; Ttofi & Farrington, 2011). O facto de uma escola ser frequentada por professores que estejam capacitados e que dominem estratégias de intervenção precoce, facilita a identificação das vítimas e dos agressores, oferecendo assim um suporte mais adequado, o que por sua vez, leva a uma redução do risco de desenvolvimento de problemas psicológicos e comportamentos aditivos. Em contrapartida, escolas que não possuam uma boa supervisão, sem normas e sem apoio emocional, intensificam os efeitos negativos do *bullying*, reforçando assim os ciclos de isolamento e *coping* desadaptativo (Yon, Sulkowski, & Bauman, 2016).

4. Modelos Teóricos e Perspectivas do Impacto do *Bullying* Escolar

A compreensão do impacto que o *bullying* tem na saúde mental e comportamentos aditivos na vida adulta exige a integração de modelos teóricos que expliquem tanto os mecanismos psicológicos quanto sociais.

O Modelo Centrado na Auto-organização da Pessoa (MCAOP) vem propor que cada indivíduo possui uma estrutura psicológica dinâmica, capaz de organizar

experiências internas e externas que consigam manter o equilíbrio emocional e a funcionalidade adaptativa (Cândido da Agra, 2000). No contexto do *bullying* escolar, perante experiências adversas recorrentes, estas podem provocar desequilíbrios emocionais que se podem manifestar como ansiedade, depressão e baixa autoestima. Estas disfunções podem persistir até à vida adulta, exercendo assim uma influência na capacidade de enfrentar desafios e estabelecer relacionamentos saudáveis (Cândido da Agra, 2000; Cook et al., 2010).

O MCAOP também veio enfatizar a importância de um ambiente social, assim como as interações interpessoais, na construção daquilo que é a resiliência ou vulnerabilidade. A presença de fatores protetores, como o suporte familiar e a supervisão escolar, pode ser uma ajuda na reestruturação da auto-organização, minimizando assim os efeitos de experiências traumáticas e a propensão a comportamentos aditivos.

A General Strain Theory (Agnew, 1992) complementa o MCAOP, ao fornecer uma explicação sociopsicológica para a relação existente entre o *bullying* e os comportamentos desviantes. Segundo a General Strain Theory (GST), experiências de humilhação ou injustiça geram uma tensão psicológica, que pode vir a ser canalizada por meio de comportamentos desviantes, nomeadamente agressões, isolamento social ou consumo de substâncias.

Um indivíduo que experiencie vários episódios de *bullying* pode acumular repetidas frustrações e humilhações, onde a intervenção sendo limitada ou inexistente, este pode acabar por recorrer a estratégias de *coping*, incluindo o consumo de álcool, tabaco ou outras substâncias, na tentativa de aliviar emoções negativas e procurar aceitação social (Luk et al., 2010; Radliff et al., 2012). A GST também destaca que o impacto do *stress* social pode ser mediado por recursos individuais, como a autoestima, o suporte familiar e as redes de amizade. Assim sendo, a vulnerabilidade ao desenvolvimento de comportamentos aditivos não é homogénea, está totalmente dependente da interação entre tensões sociais, características individuais e fatores do contexto.

Em Portugal, embora exista cada vez mais investigação científica sobre o *bullying* escolar, a evidência é escassa no que concerne ao estabelecimento de uma ligação com o desenvolvimento de comportamentos aditivos, centrada na perspectiva dos próprios.

Dados nacionais indicam que aproximadamente 35% dos jovens reportaram já terem vivido episódios de *bullying*, com uma maior prevalência entre os 11 e os 15 anos (HBSC, 2018). O que acontece é que os estudos nacionais focam-se, na sua maioria, na adolescência, deixando uma lacuna no conhecimento sobre quais são os efeitos prolongados na vida adulta, especificamente quanto à relação entre o *bullying* e o consumo de substâncias na vida adulta.

A presente investigação tem como objetivo compreender como é que o impacto do *bullying* escolar se fez sentir nas trajetórias de adição em homens adultos, de acordo com a sua própria perspectiva. Estamos, assim, perante um estudo com dupla relevância, nomeadamente do ponto de vista social, onde é dada voz a homens adultos com historial de consumos, permitindo compreender as suas experiências, muitas vezes marginalizadas. Do ponto de vista académico, este estudo contribui para preencher uma lacuna na literatura nacional, explorando de uma forma aprofundada o conhecimento sobre os efeitos do *bullying* a longo prazo.

Método

Objetivos da investigação e desenho do estudo

A presente investigação insere-se numa abordagem qualitativa, com foco na compreensão das experiências de homens adultos que vivenciaram uma ou mais situações de *bullying* escolar e que, ao longo da sua trajetória de vida, acabaram por desenvolver comportamentos aditivos de SPAs. Optamos por um estudo qualitativo, uma vez que permite uma exploração mais rica e contextualizada da forma como os participantes sentem e atribuem significados às suas vivências, procurando aceder à complexidade das narrativas individuais (Denzin & Lincoln, 2018).

O principal objetivo desta investigação consiste na compreensão do impacto que experiências de *bullying* escolar tiveram nas trajetórias de adição de homens adultos, de modo a explorar de que forma estas vivências, ocorridas na adolescência, são relacionadas

com o desenvolvimento e a manutenção de comportamentos aditivos ao longo da vida. Pretende-se ir além da descrição de episódios, investigando os significados que os participantes atribuem a essas experiências e a forma como estas influenciaram a sua percepção de si próprios, as suas estratégias de *coping* e, eventualmente, o recurso a substâncias psicoativas como resposta ao sofrimento emocional. Ao analisar as narrativas pessoais, procura-se identificar padrões comuns e diferenças individuais que permitam compreender se o *bullying* escolar funcionou como um fator de vulnerabilidade ou uma porta de entrada para o abuso de SPAs.

Num momento inicial, havia sido planeado entrevistar apenas vítimas. No entanto, ao longo da realização das entrevistas, foi possível perceber que alguns participantes que relataram consumos de substâncias psicoativas não eram apenas as vítimas, mas também as vítimas -agressoras.

Em suma, pretendemos explorar todas as vivências de *bullying* que os participantes partilharam, e perceber se os mesmos conseguiam estabelecer alguma ligação entre o sofrimento psíquico causado pelas experiências e o desenvolvimento de comportamentos aditivos, como por exemplo, fumar, beber e/ou consumir algum tipo de substância psicoativa.

Para tal, foi concebida o guião de uma entrevista semi-estruturada, como meio de exploração do tema em análise; esta proposta era constituída por uma entrevista semiestruturada (Anexo 1), sendo que a mesma estava suscetível a alterações a qualquer momento, consoante os contornos que a conversa assumisse.

Participantes

Considerando que foi a minha experiência de estágio curricular numa comunidade terapêutica destinada a homens em tratamento de adições que me alertou para a

pertinência deste tema, no decurso da partilha por parte dos utentes de experiências passadas de *bullying* e a disponibilidade da instituição para que aí realizasse a recolha de dados para a minha tese, decidimos homogeneizar a amostra quanto ao género, circunscrevendo a participantes do sexo masculino.

Constituíram critérios de inclusão, participantes do sexo masculino, com idades entre os 18 e os 60 anos, com historial de consumo problemático de substâncias psicoativas, sendo elas legais ou ilegais, e que também tivessem vivenciado situações de *bullying* escolar (como vítimas e vítimas-agressoras), identificáveis através de autorrelato e que aceitem participar sempre de forma anónima, assinando o consentimento informado preparado para o efeito.

Definimos como critérios de exclusão os participantes terem diagnóstico de psicose ou apresentarem um estado de desorganização mental, uma vez que a sua capacidade de comunicação e autorreflexão poderia estar comprometida.

Apresentam-se abaixo os dados sociodemográficos de cada participante, com o objetivo de aprofundar a caracterização do respetivo perfil.

Tabela 1*Dados sociodemográficos dos participantes*

Participantes	Idade	Escolaridade	Situação Profissional	Substância Principal	Tempo de consumo (anos)	Contexto
P1	48	12º ano	Trolha	Canábis	30	Em Consumos
P2	54	6º ano	Desempregado	Álcool	40	Em Tratamento
P3	50	6º ano	Desempregado	Cocaína	25	Em Tratamento
P4	57	6º ano	Desempregado	Álcool	43	Em Tratamento
P5	48	6º ano	Pintor	Álcool	34	Em Consumos
P6	58	6º ano	Desempregado	Álcool	40	Em Tratamento
P7	52	12ºano	Desempregado	Álcool	35	Em Tratamento
P8	47	6º ano	Desempregado	Canábis	27	Em Tratamento
P9	44	6º ano	Desempregado	Álcool	30	Em Tratamento
P10	55	6º ano	Desempregado	Canábis	36	Em Tratamento
P11	27	9º ano	Carpinteiro	Canábis	12	Em Consumos

A mostra é composta por 11 participantes sendo que 8 foram recrutados através de uma Comunidade Terapêutica para pessoas com comportamentos aditivos e dependências e 3 participantes que não estavam inseridos em nenhuma comunidade. A média de idades dos grupos é de 49,09 anos (DP= 8.55). Relativamente à escolaridade, predomina o 6º ano (8/11), havendo dois casos com 12º ano e um com 9º ano. A situação profissional da maioria é de desemprego (8/11); os restantes exercem profissões manuais.

A substância psicoativa consumida principalmente é sobretudo o álcool (6/11), seguindo-se a canábis (4/11) e cocaína (1/11). A média do tempo de consumo é os 32 anos.

No momento da recolha de participações, oito participantes encontravam-se em tratamento de adições e apenas três em consumos ativos.

Instrumento

Foi preparada uma entrevista semi-estruturada, no contexto do qual eram recolhidos os dados sociodemográficos e realizada a exploração da experiência e perspectiva dos participantes. Os dados sociodemográficos e as questões 1 a 3 destinam-se à identificação da vítima/vítima-agressora quanto ao género, idade e habilitações literárias; as questões de 4 a 7 dizem respeito ao decorrer da situação de *bullying*, nomeadamente quanto à sua duração, espaço em que ocorriam, caracterização das agressões, atitude por parte da vítima e impacto emocional; as questões 8 a 10 objetivavam perceber a forma como a vítima entendia a situação, no que diz respeito às suas características (estratégias de *coping* e algumas características pessoais), as questões 11 a 13 davam início à exploração das adições, de forma a perceber quando se iniciaram (idade, motivação e contexto), a relação que o participante conseguia estabelecer entre o sofrimento escolar e início ou agravamento do uso de substâncias. A última questão tinha por objetivo a reflexão sobre o impacto que situações passadas influenciam a vida de um homem adulto.

Procedimentos de recolha e análise de dados

A recolha de dados foi realizada em maio de 2025, e foi possível aceder à amostra devido à realização do meu estágio curricular, realizado no último ano de mestrado. Após um primeiro contacto com os indivíduos, foi-lhes prestado esclarecimentos acerca da investigação que estava a ser desenvolvida, assegurada a confidencialidade e anonimato da sua participação. Posteriormente, foi aberto um espaço para dúvidas, onde surgiu a necessidade de explicitar o conceito de *bullying*, bem como outras dúvidas relativas à investigação e ao momento da entrevista. Por fim, procedeu-se ao agendamento das entrevistas.

Todo o estudo respeitou os princípios éticos da investigação em ciências sociais e humanas. Todos os participantes assinaram um consentimento informado redigido de acordo com a declaração de Helsínquia (WMA, 2008) e Convenção de Oviedo (Decreto-Lei nº1/2001) (cf. anexo 2).

Todas as entrevistas foram realizadas em gabinete, de forma a garantir o conforto, a privacidade e que não existissem interrupções ao longo da mesma, com uma duração média de 30 a 50 minutos, audiogravadas, de acordo com o indicado no consentimento informado e, posteriormente, transcritas integralmente. Os nomes foram todos substituídos por pseudónimos, de modo a garantir o total anonimato.

Para a análise dos dados qualitativos obtidos através de entrevistas, foi utilizada a análise temática, segundo o modelo de Braun e Clarke (2006). Foi escolhida esta abordagem uma vez que se adequa ao objetivo da investigação, de categorizar os significados que os participantes do estudo atribuíam às suas experiências de *bullying* escolar e como é que estas se poderiam relacionar com o percurso de consumo de substâncias.

A análise temática, reconhecida como sendo uma metodologia flexível e capaz de identificar padrões que fossem recorrentes nas narrativas, permite também valorizar a singularidade das experiências individuais (Braun & Clarke, 2012). A análise pode ser aplicada de forma indutiva, fazendo com que os temas emergjam diretamente dos dados,

ou de forma dedutiva, sendo assim orientada por categorias pré-existentes. No presente estudo, foi adotada uma abordagem maioritariamente indutiva, uma vez que se pretendeu que as categorias em análise resultassem das próprias falas dos participantes, garantindo uma maior proximidade com o seu relato.

O processo de análise seguiu, portanto, as seis etapas propostas por Braun & Clarke (2006), a familiarização com os dados, em que foi feita uma leitura atenta das transcrições das entrevistas, de modo a garantir que existisse uma compreensão global do material. Numa segunda etapa, procedeu-se à geração de códigos iniciais, assinalando assim unidades mais significativas de informação que refletissem aspetos importantes das experiências dos participantes. Seguiu-se a terceira etapa para pesquisa de temas, durante a qual os códigos foram agrupados em categorias amplas, tornando possível uma organização das ideias em padrões mais coerentes. Na quarta etapa consistiu na revisão de temas, garantindo assim que estes fossem coerentes. Na quinta etapa, a definição e nomeação de temas, levou a uma clarificação dos conteúdos e limites dos respectivos temas, atribuindo-lhes denominações que refletissem de forma clara os fenómenos observados. Por fim, na sexta etapa, os resultados foram sistematizados e apresentados de forma mais estruturada, articulando os temas com a evidência direta dos dados das entrevistas, assegurando assim uma interpretação mais rigorosa e fundamentada, ao serem incluídos excertos selecionados.

Resultados

A apresentação dos resultados será organizada em três grandes secções. Cada uma destinada à apresentação de um dos temas identificados e as categorias que os constituem, ilustrando cada uma delas com excertos das entrevistas dos participantes.

1. Experiência da vítima e vítima-agressora

Partindo da análise dos códigos iniciais que foram estabelecidos pela análise temática, segundo o modelo de Braun e Clarke (2006), foi-nos permitido identificar que

em todos os relatos, os participantes referem que o *bullying* foi vivido em inúmeras dimensões, quer em agressões físicas praticadas por colegas e por professores, humilhações verbais e exclusão social. Em vários casos, os participantes assumiram também o papel de agressores, numa tentativa de canalizar e instrumentalizar toda a raiva proveniente de agressões sofridas.

Este tema encontra-se subdividido em duas principais categorias (1.1) Violência verbal e física exercida por colegas da escola e (1.2) Violência exercida por professores. Nesta parte, serão analisadas as dinâmicas de agressão e vitimização, denotando o caráter relacional do fenómeno, bem como o impacto da autoridade escolar na reprodução de práticas violentas.

1.1 Violência verbal e física exercida por colegas da escola

Os códigos “insultos verbais”, “agressões físicas” e “vitimização de pares mais fracos” tornaram possível identificar padrões recorrentes, reforçando a consistência do tema principal.

Um dos participantes recorda:

“Lembro-me de andar à pancada por volta dos meus 13 anos, era agredido pelos colegas, mas muitas vezes “era eu que lhes batia, era eu que fazia bullying era mais fraco que uns, mas mais forte que outros, descarregava nos fracos” (P2).

Um segundo participante relembra o impacto físico das agressões e as reações dos pais:

“eram 6 pessoas a bater-me ao mesmo tempo, a minha mãe quando viu o meu estado chorou e cuidou de mim, ela nunca foi à minha escola, tinha de trabalhar então nunca foi lá fazer queixa” (P4)

Outro participante sublinha a intensidade das agressões verbais:

“Dos 11 aos 13 anos, eu era pequenino e magrinho, chamavam-me ratinho. Diziam ‘sai daqui seu rato.’” (P1)

Este último caso, é bem ilustrativo de como, mesmo na ausência de comportamentos fisicamente agressivos, recorrendo os perpetradores da violência verbal, esta pode

contribuir significativamente para a exclusão social, contribuindo para a interiorização de sentimentos de inferioridade que irão afetar a autoestima. A prática de agressões psicológicas reforça esquemas cognitivos negativos associados à autoimagem, alimentando os estigmas sociais associados à aparência física e acentuando o impacto psicopatológico da vitimização (Yao et al., 2025; Mota et al., 2024; Skartien et al., 2020).

1.2. Violência exercida por professores

O código “abuso de poder por figuras de autoridade” foi agrupado neste subtema, deixando evidenciado o impacto que as agressões por parte dos professores têm na experiência da vítima e vítima-agressora.

Na grande maioria das participações (9/11), os homens relatam que os professores também eram agentes de agressão. Os professores eram descritos como sendo a figura de autoridade e que, na maioria das vezes, abusavam do poder que tinham:

“Na escola os professores baterem-nos era o normal, umas vezes tinham razão outras vezes não, mas não adiantava de nada reclamar, uma vez, por não ter feito os trabalhos de casa a minha professora bateu-me e colocou-me lá fora a andar de joelhos em cima dos paralelos enquanto dizia em voz alta que era um burro. Os meus colegas viram, uns começaram a rir-se, outros não reagiram, sabiam que se gozasse comigo apanhavam lá fora.” (P8)

“O professor de matemática batia-me todas as aulas, dava-me pontapés, chapadas e puxava-me as orelhas, essas agressões nunca contei em casa, sabia que apanhava mais”
“o meu professor batia-me tantas vezes sem razão, sempre fui uma pessoa que andava a sorrir ainda para mais se estivesse ansioso, ele mal me via dizia que estava a gozar com ele, então mal entrava na sala ele levava-me lá fora e dava-me pontapés quando me aninhava para ele não me dar uma chapada”. (P9)

“(…) levava reguadas e às vezes também usavam a vara nas orelhas, às vezes merecia, mas muitas vezes apanhei sem merecer, todos se riam de mim e eu estava a chorar. Eles abusavam do poder que tinham, hoje o feitiço virou-se contra o feiticeiro, se eles fazem alguma coisa a uma criança por mínima que seja, já estão metidos em problemas.” (P3)

Para além das vítimas, este estudo também voltou a sua atenção para vítimas-agressoras, que exerciam violência sobre os mais fracos numa tentativa de afirmação e descarga da raiva que sentiam:

“Batia nos colegas mais novos, não podia bater nos meus professores, mal me apanhava no recreio era logo a primeira criança que visse, mesmo que nunca me tivesse feito nada, pagava pelos meus professores.” (P5)

O facto das experiências relatadas terem acontecido num local público pode reforçar os sentimentos de injustiça e humilhação perante o grupo de pares, reforçando a inferioridade das vítimas, o que irá intensificar a baixa autoestima e a desacreditação num sistema de autoridade. Isto porque, mesmo perante as reclamações dos pais, os professores pareciam nunca sofrer consequências - *“hoje um professor respira já está a ser castigado, mas antigamente não era assim, desde que ninguém morresse não era caso para aparecer nas notícias.” (P3)*

2. Impacto emocional das experiências de *Bullying*

A análise temática veio indicar também que as experiências de vitimização estavam fortemente ligadas a códigos de baixa autoestima, isolamento social e também humilhação, que foram sintetizados no tema “Impacto emocional das experiências de *bullying*”.

Assim como tem sido abordado, o *bullying* escolar deixa marcas profundas que podem acompanhar qualquer um até a vida adulta, afetando a autoestima, a capacidade de estabelecer relações interpessoais e a construção da identidade dos participantes. Muitas das narrativas traduziram emoções e sentimentos experienciados pelos participantes, tais como a humilhação, a raiva, o isolamento e até mesmo o desejo de morte. Considerando a dominância de algumas delas, diferenciamos duas categorias da experiência emocional referida pelos participantes como decorrente do *bullying*: (2.1) baixa-autoestima; (2.2) isolamento social, as quais serão a seguir ilustradas com os excertos de entrevistas dos participantes.

2.1 Baixa autoestima

O código “baixa autoestima” e “internalização da vitimização” evidenciam o impacto prolongado das experiências de Bullying

Muitos dos participantes afirmaram que um tipo de violência influenciou particularmente a forma como se viam, nomeadamente, as alcunhas e formas de humilhação.

“Sentia-me mal por ser o ratinho, chorava em casa sozinho a questionar-me sobre o porquê de não ser homem” (P3)

“Não tinha autoestima, também não sabia o que era, mas olhando para trás sei que era nula.” (P6)

“Na altura tinha 10 anos, era o gordinho, o deficiente, o burro” (P1)

“autoestima nessa altura não era merecedor dela, era baixíssima, ainda hoje sou um fraco com essas feridas a acompanhar-me”. (P10)

“ainda sou o gordo, o burro, eu nunca pensei continuar a sofrer sendo adulto, mas aqui estou eu”. (P11)

Assim, é possível verificar que muitos dos participantes foram adquirindo ao longo do seu percurso uma autoimagem manchada pelas agressões verbais, causando sentimentos de fraqueza e inadequação, que se prolongaram até a vida adulta.

2.2 Isolamento Social

Os códigos “isolamento social” refletem um abandono pelo grupo de pares, realçando a dificuldade da integração social enfrentada pelos participantes.

Vários participantes foram reportando que, ao longo do período da infância/adolescência em que eram vítimas de *bullying*, sentiam que não eram apoiados.

Esta inércia estendia-se ao grupo de pares, visto que, por vezes, os amigos da escola também acabavam por abandonar as vítimas, deixando as mesmas numa situação vulnerável e de abandono. Isto porque, quando eram postas em prática tentativas de

defender as vítimas, os pares acabavam por sofrer danos físicos e emocionais, levando a que mais situações de violência fossem criadas.

“Todos viam o que acontecia, o meu melhor amigo tentava parar as agressões, mas depois começou a apanhar mais e mais e acabou por me abandonar, era eu e ele para sete”. (P11)

“Tinha um amigo, ele cansou-se de me tentar ajudar, era dia sim dia sim a apanhar, ninguém aguentava, na altura tínhamos 12 anos, ele pedia para me deixarem em paz e eles acabavam por lhe bater também”. (P7)

“Quando os meus colegas faziam anos não me convidavam, diziam que não queriam pessoas como eu na festa”. (P1)

“Guardava tudo para mim, não tinha amigos e os meus avós já eram muito velhos para aturarem os problemas que eu tinha”. (P3)

3. Relação entre o *Bullying* e as adições

A análise dos dados permitiu identificar uma forte associação entre as experiências de vitimização e o início ou intensificação dos consumos de SPAs, sendo que a grande maioria dos participantes estabeleceu uma ligação direta entre o *bullying* vivido e os consumos, descrevendo o mesmo como uma forma de lidar com as consequências emocionais e sociais dessas experiências.

Nesta categoria diferenciamos duas subcategorias: (3.1) Integração e os consumos, evidenciando o papel dos consumos na tentativa de integração no grupo de pares e na procura de aceitação; (3.2) Consumos como forma de regulação emocional, que surge como um mecanismo compensatório face a sentimentos de dor e vergonha.

3.1 Integração social e os consumos

Corresponde às narrativas em que o consumo surge associado à pressão social e ao forte desejo de pertença ao grupo de pares. Neste sentido, o uso de substâncias vem

assumir uma função relacional, sendo vista como uma tentativa de ser aceite por grupos socialmente valorizados e de inverter a posição de exclusão que vivia o participante. Assim sendo, o comportamento aditivo é visto como uma estratégia de interação e afirmação identitária associada à necessidade de reconhecimento:

“Todos os valentões já bebiam, na altura era normal beber cedo e fumar também, a minha aparência não dava para mudar, isolei-me e comecei a fumar ao início para me matar, mas depois tentei acreditar que iriam achar-me fixe e começar a aceitar-me, isso nunca aconteceu, continuei a apanhar e comecei a guardar tudo para mim.” (P9)

“Comecei a andar com eles, eram os grupos da pesada. Com o passar do tempo entrei nos consumos para mostrar que era forte, que merecia ser respeitado. Continuei a não ser, mas já não custava tanto, a moca era maior.” (P11)

3.2 Consumos como forma de evitar o sofrimento

A análise da categoria veio denotar que o consumo de substâncias surgiu, entre vários participantes, como uma forma de evitar ou extinguir o sofrimento emocional muitas vezes associado às experiências de *bullying*. Relatos de participantes indicam que, quando estavam perante a ausência de estratégias funcionais de enfrentamento, os indivíduos acabavam por recorrer ao consumo de SPAs como uma estratégia de fuga face à dor psicológica que viviam, pois procuravam anestesiar todos os sentimentos de tristeza e vergonha que os acompanhavam.

O comportamento aditivo, nestes casos, assume um papel desadaptativo, que funciona como um recurso temporário que permite suspender ou mudar a perceção da dor emocional, mas que a longo prazo, contribui para um agravamento significativo do sofrimento e desenvolvimento do padrão de dependência.

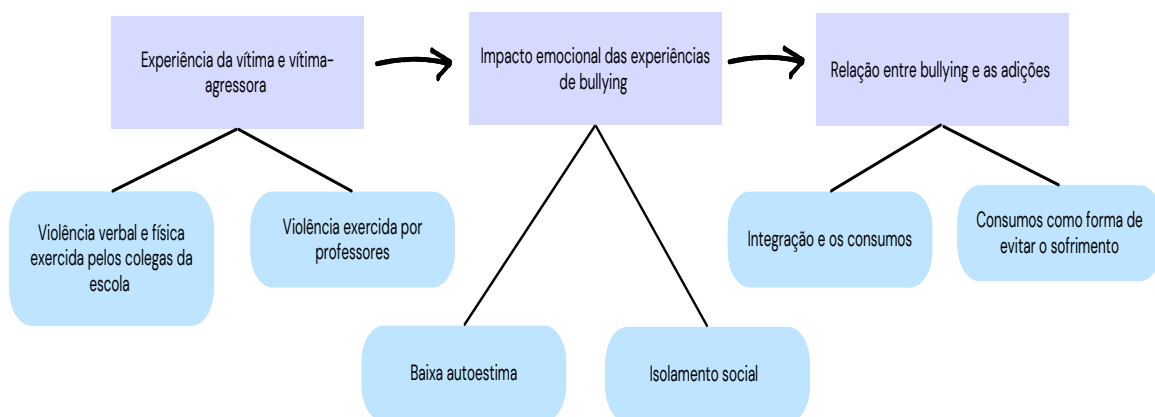
“Beber na minha terra era normal por isso nunca vi mal nenhum nisso, ficava alegre e esquecia-me do mal.” (P2)

“Bebia, abafava as vozes, as recordações de todos aqueles anos na escola.” (P3)

Dos casos analisados, não foram registados relatos de participantes que se descrevessem apenas como agressores. Em todos os testemunhos, os comportamentos agressivos que são relatados surgem como uma resposta das experiências de vitimização, refletindo o processo de reprodução da violência que viveram.

A agressividade observada não se apresenta como traço predominante, mas antes como uma manifestação reativa associada à dor.

Como síntese final, podemos ainda destacar a existência de uma relação entre estes três temas, parecendo emergir em consequência uns dos outros. Diríamos que a experiência de vítima de *bullying* desencadeou na pessoa emoções onde se sentiu rejeitado, inferiorizado, incapaz, face às quais a adesão aos consumos surgiu, ora como uma esperança de ser integrados pelos grupos agressores e fazer parar o *bullying*, ora como uma fuga emocional, procurando desfocar do sofrimento. Como forma de sumariar a árvore de categorias resultantes da análise realizada e da relação entre elas, apresentamos de seguida a figura



Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal perceber o impacto do *bullying* escolar nas trajetórias de vida de homens adultos com historial de adições, procurando perceber de que forma estas vivências influenciaram o desenvolvimento pessoal, relacional e o consumo de SPAs. Assim sendo, foi feita uma investigação qualitativa baseada em entrevistas semiestruturadas a participantes que tivessem vivido períodos de

vitimização na escola e posteriormente envolvimento nos consumos. A análise das narrativas tornou possível identificar padrões de significado comuns. A seguir, serão discutidos os principais resultados obtidos, à luz da literatura científica existente, de forma a contextualizar as interpretações que foram feitas ao longo deste estudo.

Ainda que esta investigação não tenha incidido diretamente nas repercussões do *bullying* na vida adulta, as narrativas dos participantes evidenciam que todas as experiências vividas na escola foram determinantes na construção de padrões emocionais e relacionais que vieram influenciar o início do consumo de SPAs.

Um aspecto que ficou bastante evidente em todos os testemunhos prende-se com o facto da maioria das narrativas normalizarem a violência escolar, visto que muitos dos participantes abordaram as agressões físicas e verbais, tanto por colegas da escola, mas também por professores, como sendo atos que não tiveram nenhum tipo de intervenção significativa. Perante esta ausência de proteção e segundo Olweus (2013) e Puhl e King (2013), é possível perceber que a tolerância institucional veio contribuir para perpetuar o ciclo de vitimização e aumentar a vulnerabilidade das vítimas. Assim, a literatura aponta que o impacto do *bullying* não reside apenas nas agressões em si, mas sim no sentimento de desamparo e impotência associado à falta de suporte social de amigos e familiares (Hawker & Boulton, 2000), o que vai de encontro com os dados desta investigação, onde os professores reforçavam a humilhação realizada à vítima

Ao longo da recolha de dados, foi possível verificar os inúmeros danos emocionais causados, sendo estes os sentimentos de vergonha, isolamento, baixa autoestima e autodesvalorização (“*sentia-me mal por ser o ratinho*”). Deste modo, estes são aspetos que a literatura científica identifica, várias vezes, como sendo preditores de perturbações emocionais mais graves, levando a depressão, ansiedade e risco suicídio (Levasseur et al., 2013; Pan & Spittal, 2013). De facto, a ligação entre o *bullying* e a ideação suicida tem sido cada vez mais documentada (Bao et al., 2023; Skartien et al., 2020). Para além disso, outros estudos científicos sugerem que a baixa autoestima pode também estar associada ao início e manutenção dos consumos, como uma tentativa de regulação emocional e compensação simbólica perante o sofrimento e a rejeição (Arseneault et al., 2010; Kaltiala-Heino et al., 2016; Copeland et al., 2013).

No que diz respeito às adições, os relatos dos participantes apontam para o consumo de substâncias como sendo uma estratégia de fuga utilizada frequentemente para aliviar a dor emocional e, em alguns casos, como forma de tentar obter aceitação social nos grupos de pares (*“comecei a fumar ao início para me matar, mas depois tentei acreditar que iriam achar-me fixe”*). Este testemunho acaba por ir ao encontro de estudos científicos, que relacionam experiências de *bullying* com uma maior probabilidade do uso problemático, tanto do álcool como de substâncias psicoativas ilícitas, na adolescência e na vida adulta (Arseneault et al., 2010; Copeland et al., 2013). Assim, fica bastante evidente que o consumo de SPAs assume um papel crucial de anestesia emocional e como tentativa de integração nos grupos de pares mais valorizados, ainda que, notoriamente, tenha conduzido a novos processos de exclusão e estigmatização, como é o caso de qualquer destes participantes utentes da comunidade terapêutica. Assim esta realidade reforça a ideia de que o consumo, que inicialmente é percebido como um recurso de autoproteção, acaba por se transformar num fator de maior marginalização, perpetuando sentimentos de fracasso.

Alguns participantes também referem (*“ainda sou o gordo, o burro, eu nunca pensei continuar a sofrer sendo adulto, mas aqui estou eu. Na escola tinha o tabaco, aos 13 anos tinha o vinho aqui dentro não tenho nada, o que me ajudava quando andava na escola não está cá dentro, mas eles estão”*). Estas narrativas confirmam que as feridas emocionais deixadas pelo *bullying* não são apenas memórias isoladas, elas moldam expectativas de relação e padrões de vulnerabilidade, levando a novas formas de vitimização (Copeland et al., 2013).

A literatura científica aponta que o impacto do *bullying* escolar não se esgota, traduzindo-se num sofrimento físico, psicológico e emocional, que acompanha a pessoa silenciosamente ao longo da sua trajetória (Arseneault, et al., 2018). Esta investigação científica realça a percepção do próprio, vítima de *bullying* na infância, do quanto essas vivências influenciaram as suas trajetórias de exclusão e a iniciação e possivelmente manutenção de consumo de SPAs. Deste modo, fica clara a necessidade de mais políticas educativas e sociais que se foquem na prevenção, não só a ocorrência do *bullying*, mas também do isolamento das vítimas e do silenciamento do fenómeno. Será fundamental que haja intervenções eficazes no suporte psicológico precoce às vítimas, de forma a que seja possível reduzir as trajetórias de vida marcadas pela exclusão e pelo consumo problemático de SPAs (Ttofi & Farrington, 2011)

Conclusão

Os resultados evidenciaram que o *bullying* escolar não constitui um fenómeno isolado ou restrito ao espaço escolar, mas sim um processo que se inscreve no desenvolvimento global da pessoa, afetando a sua autoestima, as relações interpessoais e a perceção que o indivíduo tem sobre o seu valor próprio ao longo da vida. Os testemunhos revelaram que, em muitos casos, a violência vivida foi normalizada, tanto por colegas como por professores, gerando um ambiente de impunidade e ausência de suporte. Todos estes fatores acabaram por contribuir para sentimentos de desamparo, vergonha e inferioridade, os quais, por sua vez, potenciaram a procura do consumo de substâncias como estratégia de alívio emocional ou tentativa de integração social.

Importa salientar que a presente investigação revelou também a ambiguidade dos papéis de vítima e agressor, visto que alguns participantes partilharam situações em que, após serem alvo de agressões, passaram a reproduzir comportamentos agressivos sobre colegas mais “fracos”. Este aspeto reforça a necessidade de compreender o *bullying* como uma dinâmica relacional, que pode gerar ciclos de violência e exclusão.

Naturalmente, o presente estudo apresenta algumas limitações. O facto de a amostra ser tão reduzida e composta exclusivamente por homens adultos, limitando o carácter conclusivo dos resultados. O recurso a entrevistas qualitativas permitiu aceder a narrativas extremamente ricas e profundas, mas estava totalmente dependente da memória e da disponibilidade dos participantes para partilhar aspetos da sua experiência, o que pode ter condicionado um pouco a amplitude das respostas e gerou uma grande heterogeneidade de posturas. Além disso, a presente investigação centrou-se apenas em contextos de adição, não contemplando indivíduos que, embora tenham sido vítimas de *bullying*, não desenvolveram consumos problemáticos, grupo de testemunhos que iria ajudar a compreender a complexidade do fenómeno.

Para futuras investigações, poderá ser benéfico abranger a amostra a mulheres, de forma a explorar as especificidades de género e a possibilidade de tal conferir diferentes percursos de vida. Será igualmente pertinente desenvolver estudos longitudinais que acompanhem vítimas de *bullying* desde a infância até à vida adulta,

permitindo identificar com maior clareza os mecanismos de risco e de proteção ao longo dessa trajetória. Por fim, a combinação de métodos qualitativos e quantitativos será uma ferramenta bastante enriquecedora para a compreensão deste fenómeno, possibilitando tanto a exploração aprofundada de narrativas individuais como a análise de tendências populacionais.

Do ponto de vista científico, este estudo contribuiu para a compreensão da relação entre experiências precoces de vitimização e percursos de adição na vida adulta, destacando a relevância de abordar o *bullying* escolar, não apenas como um fator de elevado risco a longo prazo, como também para o desenvolvimento de comportamentos desviantes.

Referências Bibliográficas

Agnew, R. (1992). Foundation for a general strain theory of crime and delinquency. *Criminology*, 30(1), 47–87. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1992.tb01093>

Agra, C., & Teixeira, J. M. (2016). *Toxicodependência: Modelo centrado na auto-organização da pessoa*. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Anda, R. F., Whitfield, C. L., Felitti, V. J., Chapman, D., Edwards, V. J., Dube, S. R., & Williamson, D. F. (2002). Adverse childhood experiences, alcoholic parents, and later risk of alcoholism and depression. *Psychiatric Services*, 53(8), 1001–1009. <https://doi.org/10.1176/appi.ps.53.8.1001>

Antunes, C., Pereira, B., & Silva, A. (2008). Bullying escolar: prevalência e implicações psicossociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 42(2), 45–62.

Antunes, C., Pereira, C., & Silva, R. (2008). *Bullying nas escolas: Perspetivas contemporâneas*. Editora Escolar.

Arseneault, L. (2018). Annual research review: The persistent and pervasive impact of being bullied in childhood and adolescence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 59(4), 405–421. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12807>

Arseneault, L., Bowes, L., & Shakoor, S. (2010). Bullying victimization in youths and mental health problems: “Much ado about nothing”? *Psychological Medicine*, 40(5), 717–729. <https://doi.org/10.1017/S0033291709991383>

Bao, W., et al. (2023). Bullying victimization and suicide attempts among adolescents: A nationwide study in China. *Frontiers in Public Health*, 11, 10774555. <https://doi.org/10.3389/fpubh.2023.10774555>

Bjorkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1992). Aggression among schoolchildren: Physical, verbal, and indirect forms. *Journal of Adolescence*, 15(4), 1–20. [https://doi.org/10.1016/0140-1971\(92\)90017-V](https://doi.org/10.1016/0140-1971(92)90017-V)

Bjorkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1992). Aggression among university employees. *Aggressive Behavior*, 18(3), 173–184. <https://doi.org/10.1002/1098-2337>

Bjorkqvist, K., Österman, K., & Kaukiainen, A. (1992). The development of direct and indirect aggressive strategies in males and females. In K. Bjorkqvist & P. Niemelä (Eds.), *Of mice and women: Aspects of female aggression* (pp. 51–64). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-102590-8.50010-6>

Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

Braun, V., & Clarke, V. (2012). Thematic analysis. In H. Cooper (Ed.), *APA handbook of research methods in psychology, Vol. 2: Research designs: Quantitative, qualitative, neuropsychological, and biological* (pp. 57–71). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/13620-004>

Cândido da Agra, J. (2000). *O modelo centrado na auto-organização da pessoa: fundamentos e aplicações clínicas*. Coimbra: Almedina.

Carlyle, K. E., & Steinman, K. J. (2007). Demographic differences in the prevalence, co-occurrence, and correlates of adolescent Bullying at school. *Journal of School Health*, 77(9), 623–629. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2007.00242.x>

Carvalhosa, S., Lima, M., & Matos, P. M. (2001). Comportamentos agressivos e consumo de substâncias em adolescentes. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 2(2), 45–57.

Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2001). Bullying : A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 19(4), 523–537. <https://doi.org/10.14417/ap.346>

Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., Kim, T. E., & Sadek, S. (2010). Predictors of Bullying and victimization in childhood and adolescence: A meta-analytic investigation. *School Psychology Quarterly*, 25(2), 65–83. <https://doi.org/10.1037/a0020149>

Cool, V., et al. (2010). Social anxiety and victimization among adolescents. *Journal of Adolescence*, 33(5), 657–669. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.11.007>

Cool, V., Swearer, S. M., & Espelage, D. (2010). Peer victimization in school: Individual differences and intervention strategies. *Journal of Adolescent Health, 46*(3), 257–264. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.11.207>

Copeland, W. E., Wolke, D., Angold, A., & Costello, E. J. (2013). Adult psychiatric outcomes of Bullying and being bullied by peers in childhood and adolescence. *JAMA Psychiatry, 70*(4), 419–426. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2013.504>

Craig, W., Harel-Fisch, Y., Fogel-Grinvald, H., et al. (2009). A cross-national profile of Bullying among adolescents in 40 countries. *International Journal of Public Health, 54*(S2), 216–224. <https://doi.org/10.1007/s00038-009-5413-9>

Craig, W., Henderson, K., & Murphy, J. (2009). Bullying and peer victimization in children and adolescents: A Canadian perspective. *Canadian Journal of Psychiatry, 54*(1), 46–55. <https://doi.org/10.1177/070674370905400107>

Craig, W. M., Pepler, D., & Atlas, R. (2009). Observations of Bullying in the playground and in the classroom. *School Psychology International, 21*(1), 22–36. <https://doi.org/10.1177/0143034300211002>

Filipponi, L., Barrios, F., & Savioli, F. (2020). Bullying experiences and substance use in adolescents: A longitudinal study. *Journal of Adolescence, 79*, 56–67. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.02.007>

Guo, B. (2021). Coping with strain: Understanding adolescent substance use. *Journal of Youth Studies, 24*(5), 621–637. <https://doi.org/10.1080/13676261.2020.1811584>

Guo, S. (2021). CyberBullying and delinquency in adolescence: The potential mediating effects of social attachment and delinquent peer association. *Frontiers in Psychology, 12*, 620985. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.620985>

Hawker, D. S., & Boulton, M. J. (2000). Twenty years' research on peer victimization and psychosocial maladjustment: A meta-analytic review of cross-sectional studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 41*(4), 441–455. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00629>

- Henry, K. L., Thornberry, T. P., & Huizinga, D. H. (2013). The causal impact of childhood-limited maltreatment and adolescent maltreatment on early adult adjustment. *Journal of Adolescent Health, 53*(5), 765–771. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.06.016>
- Henry, N., et al. (2013). Bullying and suicidal ideation among adolescents. *Journal of Adolescent Health, 53*(6), 643–649. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.06.009>
- Hong, J. S., Davis, J. P., Sterzing, P. R., Yoon, J., & Espelage, D. L. (2014). A conceptual framework for understanding the association between school Bullying victimization and substance use. *Child Psychiatry & Human Development, 45*(4), 455–470. <https://doi.org/10.1007/s10578-013-0413-1>
- Hong, J. S., Espelage, D. L., & Kral, M. J. (2014). Understanding the Bullying –substance use link: The role of coping strategies. *Journal of School Violence, 13*(1), 52–73. <https://doi.org/10.1080/15388220.2013.833509>
- Hostinar, C. E., Lachman, M. E., Mroczek, D. K., Seeman, T. E., & Miller, G. E. (2015). Additive contributions of childhood adversity and recent stressors to inflammation at midlife: Findings from the MIDUS study. *Developmental Psychology, 51*(11), 1630–1644. <https://doi.org/10.1037/dev0000049>
- Hymel, S., & Swearer, S. M. (2015). Four decades of research on school Bullying : An introduction. *American Psychologist, 70*(4), 293–299. <https://doi.org/10.1037/a0038928>
- Junger, M. (1990). Delinquency and aggression among schoolchildren: The role of parental discipline, temperament and school variables. *Criminal Behaviour and Mental Health, 1*(4), 439–458. <https://doi.org/10.1002/cbm.1990.1.4.439>
- Junger, M. (1990). Parenting styles and aggression in children. *Child Development Research, 61*(5), 1525–1535.
- Kaltiala-Heino, R., Fröjd, S., & Marttunen, M. (2016). Involvement in Bullying and depression in a 2-year follow-up in middle adolescence. *European Child & Adolescent Psychiatry, 25*(11), 1217–1228. <https://doi.org/10.1007/s00787-016-0841-3>

Kritsotakis, G., et al. (2017). Associations of Bullying and cyberBullying with substance use among adolescents in Greece. *Journal of Adolescent Health*, 61(5), 572–578. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.04.002>

Kritsotakis, G., Georgiades, K., & Boyle, M. H. (2017). School Bullying and substance use in adolescence. *Journal of Adolescent Research*, 32(3), 261–282. <https://doi.org/10.1177/0743558416630834>

Levasseur, G., Kelvin, A., & Grosskopf, C. (2013). Bullying, mental health, and substance use in adolescence. *Journal of Youth Studies*, 16(7), 925–940. <https://doi.org/10.1080/13676261.2013.804420>

Limber, S. P., Olweus, D., & Ruan, J. (2014). Uniform Definition of Bullying : A Report from the U.S. Centers for Disease Control and Prevention. NCBI Bookshelf.

Lincoln, Y. S., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. SAGE.

Luk, J. W., Wang, J., & Simons-Morton, B. G. (2010). Peer victimization and substance use: A meta-analysis. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(9), 983–995. <https://doi.org/10.1007/s10964-010-9577-0>

Olweus, D. (2013). School Bullying : Development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9, 751–780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>

Pan, P. M., & Spittal, M. J. (2013). The relationship between Bullying victimization and suicide: A meta-analysis. *BMC Psychiatry*, 13, 36. <https://doi.org/10.1186/1471-244X-13-36>

Peguero, A. A. (2008). Bullying, school social bonds, and adult outcomes. *Youth & Society*, 40(2), 181–210. <https://doi.org/10.1177/0044118X07307812>

Pereira, B. (2002). *Bullying : Prevenção e intervenção em contexto escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

PMHCN; Hostinal, S., Anda, R., & Felitti, V. (2015). Early adverse experiences and adult health outcomes. *Journal of Preventive Medicine*, 72(3), 123–134.

- Puhl, R. M., & King, K. M. (2013). Weight discrimination and Bullying . *Best Practice & Research Clinical Endocrinology & Metabolism*, 27(2), 117–127. <https://doi.org/10.1016/j.beem.2012.12.002>
- Radliff, K. M., Wheaton, J. E., Robinson, K., & Morris, E. (2012). Bullying and substance use among adolescents: Findings from a national study. *Journal of School Health*, 82(9), 433–440. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2012.00722>
- Raimundo, R., & Seixas, P. (2009). Características do agressor escolar e a influência do ambiente familiar. *Revista de Psicologia Escolar e Educacional*, 13(2), 45–60.
- Santos, R. (2010). Vítimas-agressoras: características e implicações psicossociais. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(1), 55–72.
- Seals, D., & Young, J. (2003). Bullying in schools: Perspectives on victims and perpetrators. *School Psychology International*, 24(1), 45–60. <https://doi.org/10.1177/0143034303024001005>
- Sharp, S., & Thompson, D. (1992). Victimization in schools: Identifying vulnerable groups. *British Journal of Educational Psychology*, 62(2), 183–199. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8279.1992.tb01050>
- Smith, P. K., & Sharp, S. (1994). *School Bullying : Insights and perspectives*. Routledge.
- Smith, P. K., Talamelli, L., Cowie, H., Naylor, P., & Chauhan, P. (2008). Profiles of non-victimized, victimized, and aggressive children in school. *Aggressive Behavior*, 34(2), 153–170. <https://doi.org/10.1002/ab.20231>
- Skartienė, D., Sondaitė, J., & Povilaitis, R. (2020). Bullying , victimization, and suicidal ideation in adolescence: The mediating role of hopelessness. *Psychological Reports*, 123(4), 1370–1388. <https://doi.org/10.1177/0033294119849072>
- Ttofi, M. M., & Farrington, D. P. (2011). Effectiveness of school-based programs to reduce Bullying : A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 16(5), 540–552. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.06.001>
- UNESCO. (2019). *Behind the numbers: Ending school violence and Bullying* . UNESCO.

Yoon, J., Sulkowski, M. L., & Bauman, S. (2016). Teachers' responses to Bullying incidents: Effects of teacher characteristics and contexts. *Journal of School Violence*, 15(1), 91–113. <https://doi.org/10.1080/15388220.2014.963592>

Zhu, Y., Wang, Q., & Chen, L. (2025). Peer acceptance and substance use: The mediating role of social inclusion. *Journal of Adolescence*, 97, 45–59. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2022.12.004>

Anexos

Anexo 1 - Guião da entrevista

Entrevista Semi-Estruturada: A Experiência do Bullying nas Trajetórias de Vida de Adultos com Problemas de Adição

Introdução: Olá, meu nome é Sofia e sou Psicóloga Estagiária. Gostaria de agradecer sua participação nesta entrevista. O objetivo deste estudo é compreender como é que a experiência do Bullying pode ter influenciado a sua trajetória de vida, especialmente em relação à sua relação com substâncias e outras formas de adição.

Reforçar a confidencialidade:

As suas respostas são totalmente confidenciais, e você pode escolher não responder a qualquer pergunta se não se sentir confortável.

Questões:

1. Qual é o seu nome?
2. Que idade tem?
3. Qual a sua situação atual em relação ao tratamento da adição?

Definir o que é o Bullying :

De uma forma simples e clara, o **Bullying significa intimidação**, prática de atos violentos, intencionais e repetidos, o Bullying nem sempre surge com agressões, por vezes alcunhas que nos são dadas e que nos deixam desconfortáveis são suficientes para que se considere Bullying .

Dar exemplos:

Por exemplo, quando explicamos que não gostamos que nos chamem algo ou que digam algo sobre nós e mesmo assim, as alcunhas não param, vemos a nossa vontade ignorada e começamos a temer as pessoas que nos rotularam

Questões:

4. Poderia compartilhar se já sofreu bullying durante a sua infância ou adolescência (que idade tinha na época, estava em que ano e foi até quando, qual foi o período da sua vida em que esses episódios ocorreram, saber se foi numa época isolada ou se aconteceu mais para a frente)?
5. Durante quanto tempo essas situações ocorreram e em que contexto estava?
6. Que tipo de linguagem era usada? E quais eram os tipos de agressão?
7. Como reagia a essas situações? Como é que se sentia?
8. Olhando para trás, como é que vê essas experiências?
9. Usou alguma estratégia para lidar com as emoções que esses episódios deixavam? Qual?
10. Como é que acredita que estas experiências afetaram a sua forma de se relacionar com outras pessoas?
11. Quando é que iniciou os consumos?
12. Acha que existe alguma relação entre a experiência de bullying e os consumos/situação de dependência a que chegou?
13. Consegue identificar algum momento concreto que tenha contribuído para o agravamento dos consumos?
14. De que forma é que o sofrimento vivido na escola ainda impacta a sua vida?
15. Que significado atribui a essas experiências hoje enquanto adulto?

Conclusão da entrevista e agradecimento:

Agradeço imensamente por compartilhar sua história e suas reflexões. Espero que sua participação possa contribuir para uma melhor compreensão do impacto do bullying e do apoio necessário para aqueles que enfrentam desafios semelhantes.

Anexo 2 - Consentimento informado

CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO EM INVESTIGAÇÃO

de acordo com a Declaração de Helsínquia[1] e a Convenção de Oviedo[2]

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em pedir mais informações. Se concorda com esta proposta e aceita participar, por favor assine este documento.

Título do Estudo: O Impacto do Bullying nas Adições em Homens Adultos

Enquadramento: Este estudo decorre no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça e da Desviância com a parceria das seguintes instituições: FPCEUP, CTM

Explicação do estudo: O presente estudo tem como objetivos gerais conhecer a sua experiência e trajetória de consumos (droga e/ou álcool) assim como acontecimentos que foram marcantes na sua vida.

Caso tenha vivido situações de Bullying ouvi-lo também sobre o impacto que acha que estas situações tiveram na sua vida.

Participação no estudo: Irá participar numa entrevista comigo que será gravada, para além disso, também terá de responder a alguns questionários rápidos e simples.

Condições e financiamento: A participação é voluntária e, portanto, não haverá lugar a nenhuma remuneração. Mais se acrescenta que este é um estudo não financiado.

Confidencialidade e anonimato: O seu nome não vai ser revelado no estudo.

Também dizer-lhe que se depois de começarmos quiser desistir de participar isso pode acontecer, sem ter consequências negativas para si.

Muito obrigada pela sua participação e colaboração neste estudo!

Sofia Barbosa (sofiabarbosa728@gmail.com)

Assinatura:
.....

-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Assinatura Investigador:

Nome:

Assinatura: [como descrito na proposta, o consentimento será oral e visto pela investigadora]

Data: /..... /.....

**ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 2 PÁGINA/S E FEITO EM DUPLICADO:
UMA VIA PARA O/A INVESTIGADOR/A, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE**

[1] http://portal.arsnorte.min-saude.pt/portal/page/portal/ARSNorte/Comiss%C3%A3o%20de%20C3%89tica/Ficheiros/Declaracao_Helsinquia_2008.pdf
[2] <http://dre.pt/pdf1sdip/2001/01/002A00/00140036.pdf>